

- BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do Labirinto, V: feito a ser feito**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.
- CHAGAS, Conceição Corrêa das. **Negro uma identidade em construção: dificuldades e possibilidades**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FOUCAULT, Michel . **A Ordem do Discurso**. São Paulo, SP. Edições Loyola, 1996.
- GONÇALVES, L. A.; SILVA, P. B. G. e. Movimento Negro e Educação. In: **Revista Brasileira de Educação**, n.15, São Paulo, p. 134-158, novembro-dezembro, 2000.
- HASENBALG, C. e SILVA, N. V. (1990). Raça e oportunidades educacionais no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 73.
- MOROSINI, M. C. (org.). Docência universitária e os desafios da realidade nacional. In: **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação**. 2.ed. ampl. Brasília: Plano Editora, 2001.
- MUNANGA, K. (2000). “O preconceito racial no sistema educativo brasileiro e seu impacto no processo de aprendizado do ‘alunado’ negro”. In: AZEVEDO, Clóvis, GENTILI, Pablo, KRUG, A. e SIMON, C. **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: Ed. UFRGS/Secretaria Municipal de Educação.
- OLIVEIRA, Eliana de. **Mulher negra e professora universitária: trajetória, conflitos e identidade**. Brasília: Líber Livro, 2006.
- PRAXEDES, Vanda Lúcia. Memórias e percursos de professores negros e negras na UFMG. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.
- RIBEIRO, R. I. Até quando educaremos exclusivamente para a ranquitude? Redes-de-significado na construção da identidade e da cidadania. In: POTO, M R S, ATANI, A M, PRUDENTE, C L e GILIOLI, R S. **Negro, educação e multiculturalismo**. Editor Panorama, 2002.
- TEODORO, Maria de Lurdes. Elementos básicos das políticas de combate ao racismo brasileiro. In:(Org.) **Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação Racial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996.

6.113.

Título:

Programa de formação continuada de professores para o ensino superior no Centro Universitário Univates, Lajeado – RS – Brasil: relato de experiência

Autor/a (es/as):

Rosa, Daiani Clesnei da [Centro Universitário UNIVATES]

Rehfeldt, Márcia Jussara Hepp [Centro Universitário UNIVATES]

Bersch, Maria Elisabete [Centro Universitário UNIVATES]

Lopes, Maria Isabel [Centro Universitário UNIVATES]

Resumo:

Este relato de experiência tem por objetivo apresentar o Programa de Formação Continuada de Professores para o Ensino Superior no Centro Universitário UNIVATES, situado na cidade de Lajeado, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, desenvolvido pelo Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP). Esse Programa tem como meta colocar à disposição de docentes e discentes dessa instituição diversos tipos de atendimentos que visam a contribuir para o aperfeiçoamento didático-pedagógico dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem no Ensino Superior. Esses atendimentos são realizados por meio de apoio didático-pedagógico ao docente, apoio ao discente: Psicopedagógico e monitorias e apoio para o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Os resultados desses atendimentos são evidenciados nos quadros que aparecem ao longo do texto.

Palavras-chave:

Formação de professores. Ensino Superior. Competências pedagógicas.

Introdução

No Brasil, a legislação vigente, em especial a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (L.D.B.E.N.), Lei nº 9.394/96, não exige formação didático-pedagógica para atuar no Ensino Superior. Consta no artigo 66: “A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado” (Brasil, p. 25).

No entanto, as exigências atuais de uma competência pedagógica levam os professores universitários a uma busca por capacitação própria e específica. Masetto (2003, p. 13) em seu livro *Competências Pedagógicas* comenta:

[...] os professores universitários começaram a se conscientizar de que seu papel de docente do ensino superior, como o exercício de qualquer profissão, exige capacitação própria e específica que não se restringe a ter um diploma de bacharel, ou mesmo de mestre ou doutor,

ou ainda apenas o exercício da profissão. Exige isso tudo, e competência pedagógica, pois ele é um educador.

A competência didático-pedagógica surge nos debates acadêmicos como uma necessidade que o docente sente ao enfrentar os desafios de sala de aula. As competências, meramente, profissionais não são suficientes para gerenciar as situações vividas em sala de aula, pois, muitas vezes, os docentes “não recebem qualquer orientação sobre processos de planejamento, metodológicos ou avaliatórios [...]” (Pimenta & Anastasiou, 2003, p. 37).

Conforme Masetto (2003), a formação pedagógica do docente do Ensino Superior envolve vários aspectos, como a realização de cursos de pós-graduação, a pesquisa e iniciativas internas da instituição. Ao referir-se a iniciativas internas, o autor destaca a importância da articulação de grupos de professores para a “troca de experiências”, “atividades de sensibilização para a docência”, “oficinas de planejamento”, “uma forma de experienciarem algumas técnicas de aula”, podendo ou não contar com assessoria.

Entendendo essa necessidade, o Núcleo de Apoio Pedagógico do Centro Universitário UNIVATES vem desenvolvendo desde 2006 uma proposta de formação continuada, por meio de atividades como: Oficinas Pedagógicas, Fóruns de Discussões sobre a prática pedagógica no Ensino Superior e atendimentos Individualizados. A partir destas oficinas e discussões, realizadas pelo NAP, é possível perceber as necessidades que o professor universitário apresenta no desenvolvimento da docência, considerando os desafios que se apresentam em sala de aula. Conforme Rosa (2009, p. 42):

[...] é importante o desenvolvimento de políticas de melhoria da qualificação profissional docente, tanto para reverter o preparo docente tradicional inicial, fragmentado, como para desenvolver atividades docentes apropriadas às necessidades da sociedade contemporânea, o que requer a revisão dos modelos e da função do docente para atuar de forma transformadora e comprometida.

Durante o transcorrer do ano letivo, o NAP coloca à disposição dos professores diversos tipos de atendimentos que visam a contribuir para o aperfeiçoamento da prática docente, a saber: Apoio Didático-Pedagógico ao Docente, Apoio ao Discente: Psicopedagógico e Monitorias e Apoio para o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), atividades estas que serão detalhadas a seguir.

Apoio didático-pedagógico ao docente

O Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP) foi criado pela Resolução 155/REITORIA/UNIVATES de 17 de dezembro de 2003, está vinculado à Pró-Reitoria de Ensino dessa Instituição de Ensino Superior

(IES) e institucionalizou o Programa de Qualificação Docente no ano de 2006. Esse núcleo se distingue como “um organismo dinamizador e de apoio didático-pedagógico”³⁸ e tem como objetivos:

- I – contribuir para o aperfeiçoamento e qualificação da prática docente na IES nas modalidades presencial e a distância;
- II – articular, organizar e implementar ações e iniciativas nas áreas de sua atuação na Instituição;
- III – estimular e desenvolver estudos e investigações relacionadas com assuntos didático-pedagógicos e sua socialização, na Instituição;
- IV – contribuir para a qualificação e aperfeiçoamento dos projetos pedagógicos dos cursos;
- V – aprimorar conhecimentos e ações de intervenção pedagógica que favoreçam a construção de uma aprendizagem mais qualitativa dos acadêmicos e a inclusão dos que apresentam necessidades educativas especiais.³⁹

O Apoio Didático-Pedagógico ao Docente compõe uma das áreas de atuação do NAP, tendo como competências: “II – oferecer assessoria individual ou em grupo aos docentes, por solicitação espontânea ou por encaminhamento; V – coordenar e/ou promover reuniões, cursos e outros eventos institucionais que visam à qualificação e ao aprimoramento da prática docente na IES.”⁴⁰ A partir dessas competências, essa área desenvolve atividades chamadas Oficinas Pedagógicas, Fóruns de Discussões sobre a prática pedagógica no Ensino Superior e Atendimentos Individualizados, que serão detalhadas a seguir:

a) Oficinas Pedagógicas: são atividades pontuais que ocorrem no período de recesso escolar/férias dos alunos (janeiro/julho), distribuídos em dois dias, totalizando quatro turnos. São oferecidas diversas ações presenciais com duração de duas horas cada uma, em que o docente pode optar pela temática de maior interesse, por meio de inscrições prévias. No Quadro 1 são mencionadas algumas das temáticas abordadas nessas oficinas.

ANO	TEMÁTICAS DAS OFICINAS
2006	A inclusão no Ensino Superior
	A voz e sua importância no trabalho docente
	Dinâmicas Pedagógicas: Como tornar atrativa uma aula expositiva
	O uso e a confecção de material pedagógico digitalizado
2007	A Cartografia como método em Ciências Humanas
	Produção de vídeos
	Interação professor e aluno na sala de aula
	Técnicas de ensino

38 Resolução 090/REITORIA/UNIVATES, de 29/07/2009.

39 Resolução 090/REITORIA/UNIVATES, de 29/07/2009.

40 Resolução 090/REITORIA/UNIVATES/, de 29/07/2009.

2008	Como trabalhar o resultado da avaliação institucional na sala de aula
	Trabalho e subjetivação do professor: resoluções criativas para o sofrimento
	Planejamento Educacional no Ensino Superior
	Aluno Surdo e Intérprete de Língua de Sinais: implicações pedagógicas
2009	Instrumentos e procedimentos de avaliação: cuidados na escolha, na elaboração...
	Possibilidades e utilização de objetos (virtuais) de aprendizagem na sala de aula
	Relações interpessoais na dinâmica de aula
	Didática no Ensino Superior – Planejamento Educacional
	Novo Acordo Ortográfico
2010	Explorando a tecnologia como recurso didático
	Encontro: Diálogos: a interação professor-aluno na sala de aula
	As perguntas no processo avaliativo
	Utilização da lousa interativa como recurso didático
2011	Roda de Conversa sobre Atividade Discente Efetiva
	Diferenças de Aprendizagem e Diferenças de Ensino
	Habilidades e competências
	Organização visual e pedagógica do Univates Virtual
	Os gêneros textuais resumo e resenha na academia

Quadro 1: Temáticas das Oficinas Pedagógicas oferecidas pelo NAP a partir do ano de 2006. Fonte: Relatório Anual do NAP

b) Fórum de Discussão Permanente: Esta atividade ocorre ao longo de cada semestre, por meio de encontros presenciais – realizados quinzenalmente – e não presenciais. As temáticas dos Fóruns são sugeridas pelo NAP ou provêm dos interesses dos Conselhos de Cursos e, eventualmente, dos próprios professores. No Quadro 2 constam as temáticas desenvolvidas nestes Fóruns desde 2006.

ANO	TEMÁTICA DOS FÓRUNS
2007	Construindo instrumentos de avaliação
	Competência Pedagógica do Professor Universitário (virtual e presencial)
	Estudos de Foucault
2008	Reflexão, discussão, troca de ideias e de experiências com base no livro de Masetto, Marcos T. <i>Competência Pedagógica do Professor Universitário</i> . São Paulo: Summus
	O cinema na educação: o uso didático-pedagógico do filme
	Reflexão, discussão, troca de ideias e de experiências com base no livro de Gil, Antônio Carlos. <i>Didática do Ensino Superior</i> . São Paulo: Atlas
	Avaliação do desempenho do aluno no Ensino Superior: por que, quando e como
	Fórum Virtual – Ambiente Virtual: potencialidades e desafios
	A formação no Ensino Superior na tensão entre a Modernidade e Crítica da Modernidade
2009	Reflexões Pedagógicas sobre atuação do Docente no Ensino Superior da Univates – Relato de Experiências
	Ética na Pesquisa
	Ambiente Virtual: potencialidades e desafios (ambiente Moodle)
	Conhecendo e discutindo os recursos do ambiente Univates Virtual
	A integralidade na formação humana
	Pronunciamentos Técnicos do Comitê de Pronunciamentos Contábeis
2010	Ensino de Ciências Exatas
	Debate sobre Ciência, Pesquisa e Metodologia
	Possibilidades e utilização de objetos (virtuais) de aprendizagem na sala de aula
	Ação docente no curso de Direito, discutindo a prática pedagógica
2011	Ensino e aprendizagem: encontros e desencontros
	Estratégias para qualificar a leitura no Ensino Superior
	Jogos teatrais para professores
	Aplicação do CPC – PME
	Ensino de Ciências Exatas, Engenharia e Tecnologia

	Práticas Pedagógicas para o Ensino de Ciências Exatas
	Práticas Pedagógicas inovadoras: turma grande, turma pequena
	Técnicas de ensino
	Reflexões sobre trabalhos de conclusão de curso
	Estatística aplicada com uso de ferramentas
	Estudo dos projetos pedagógicos dos cursos de Educação Física, licenciatura e bacharelado (específico para os professores do Curso de Educação Física)
	Inserção da nova norma de contabilidade nos conteúdos programáticos de ciências contábeis
	Planejamento de disciplinas na modalidade EaD

Quadro 2: Temáticas das Oficinas Pedagógicas oferecidas pelo NAP a partir do ano de 2006. Fonte: Relatório Anual do NAP

c) **Atendimentos Individualizados:** Caracterizam-se por encontros previamente agendados pelo NAP por solicitação dos professores ou dos coordenadores de curso. Esses encontros têm como objetivo a reflexão da prática pedagógica desenvolvida pelo docente. Habitualmente os docentes que buscam esse atendimento apresentam dificuldades na sua prática docente por questões que envolvem as relações interpessoais, bem como as didático-metodológicas. Nesses momentos são discutidas alternativas para minimizar as dificuldades relatadas. Para exemplificar, no ano de 2011 foram atendidos 23 professores.

Apoio ao discente

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva de 2008, reforçando a LDBEN nº 9.394/96, exige um redimensionamento na formação do professor universitário, o que implica em um investimento das Instituições de Ensino na proposição de uma formação continuada dos professores que contemple o paradigma da inclusão.

O acesso dos alunos com necessidades educativas especiais à Universidade passa pela discussão de ações que possam garantir, não somente o ingresso, mas também o acesso ao conhecimento e à aprendizagem, a partir de propostas que qualifiquem o processo de ensino e aprendizagem. Desta forma, o Centro Universitário UNIVATES em seu Programa de Formação Continuada de Professores para o Ensino Superior implementou, também, por meio de palestras e oficinas, a discussão acerca das políticas inclusivas nacionais e os seus efeitos sobre a prática pedagógica, ampliando-as, para a necessidade de adaptações curriculares para o atendimento de alunos com necessidades educativas especiais.

Dentre as ações observadas atualmente, percebe-se na instituição que um dos aspectos que passa a ser considerado como fundamental para a efetivação da proposta inclusiva é a assessoria aos acadêmicos com necessidades educacionais especiais e aos seus professores. Thoma (2004, p. 47), ao se referir ao movimento que hoje denominamos inclusão, seja ela escolar ou social, diz que: “[...] um movimento que preconiza a inversão de papéis, defendendo a ideia de que o meio deve adaptar-se para atender as necessidades de todos e de cada um, sejam eles portadores de deficiência ou não”.

O Núcleo de Apoio Pedagógico do Centro Universitário UNIVATES, preocupado em atender essas singularidades, cria o atendimento Psicopedagógico ao discente e ao docente. O objetivo do apoio Psicopedagógico ao discente é refletir sobre o ingresso, acesso e permanência de alunos com necessidades educativas especiais e ou dificuldades de aprendizagem na IES, a partir do olhar desses sujeitos.

O atendimento Psicopedagógico ao docente visa a uma reflexão conjunta entre educador e núcleo de apoio sobre as possibilidades de se pensar o currículo do curso para o aluno com necessidades educativas especiais e ou dificuldades de aprendizagem. No início de cada semestre, o docente recebe do NAP um comunicado de que na sua turma está matriculado um aluno que se autodeclarou com necessidades educativas especiais e que necessita de apoio pedagógico ou Psicopedagógico. No mesmo comunicado, o professor é convidado a buscar a orientação do NAP.

O foco das reflexões, para os professores que buscam o apoio Psicopedagógico, é traduzir as intencionalidades educativas a serem alcançadas no Projeto de Curso em finalidades educacionais. Se considerarmos que cada docente sempre tem intenção na ação de ensinar, cabe questionarmos como tais intenções podem ser concretizadas, segundo as diferenças individuais de inúmeros alunos. A resposta a esta questão está nas adaptações curriculares. Em relação a esse aspecto, Carvalho (2008, p. 111) faz-nos pensar no currículo onde:

[...] o aluno é o sujeito do processo ensino-aprendizagem; suas diferenças individuais, traduzidas como diferenças características e necessidades pessoais, devem ser conhecidas e respeitadas para a organização do ensino, com vistas à qualidade de sua aprendizagem.

As adaptações curriculares são entendidas como instrumentos para superar as dificuldades na aprendizagem pelo grupo de professores atendidos pelo NAP. Buscamos com isso: a) conseguir a maior participação possível dos alunos com necessidades educativas especiais e/ou dificuldades de aprendizagem em todas as atividades desenvolvidas no projeto curricular e na programação da sala de aula; b) levar tais alunos a atingirem os objetivos de cada nível do fluxo educativo, por meio de uma adaptação curricular.

Segue o Quadro 3 com as informações do número de discentes e docentes dos cursos oferecidos pela IES atendidos no apoio Psicopedagógico desde a sua implantação:

Ano	Discentes	Docentes
2007	40	0
2008	144	17
2009	158	22
2010	154	26

2011	175	25
Total	671	90

Quadro 3: Número de Atendimentos Psicopedagógicos Discentes e Docentes desde 2007. Fonte: Relatório Anual do NAP

As discussões relativas à inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais e/ou dificuldades de aprendizagem no Ensino Superior apontam para a coerência que deve existir entre a formação continuada do docente na universidade e as necessidades apresentadas a partir da análise da Instituição, considerando o momento histórico e o contexto em que está inserida, vislumbrando uma educação que oportunize a aprendizagem de todos os alunos e que dê conta da complexidade que pode ser observada hoje.

Segundo Escott, Müller e Wolffenbüttel (2003, p. 41), pensar em sociedade inclusiva:

[...] implica inicialmente, pensar em educação inclusiva, educação que deve ser foco de reflexão desde a formação dos seus profissionais, de forma a constituir a cultura do respeito às diferenças, para que, assim, seja possível também educar de forma diferenciada, de acordo com a necessidade dos educandos.

Outra ação de apoio ao discente com dificuldades de aprendizagem é a monitoria. Ela constitui-se como um atendimento diferenciado para interessados em sanar suas dúvidas e/ou construir seus conhecimentos prévios. A monitoria está sendo oferecida desde 2006 em diversas modalidades, como mostra o Quadro 4 a seguir:

	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Anatomia	-	-	16	85	339	-
Bioestatística	-	-	-	69	-	-
Eletrônica	-	-	7	1	-	-
Física	-	-	116	99	241	152
Matemática	217	289	428	607	739	625
Programação de Computadores	-	-	13	57	-	-
Química	-	-	25	85	-	-

Quadro 4 : Atendimento ao discente por área de conhecimento. Fonte: Relatório Anual do NAP.

No início, as monitorias foram exercidas por diversos alunos bolsistas, mas, devido à grande demanda na área da Matemática por parte dos discentes e das constantes mudanças de estagiários, a Univates, consciente da importância do apoio aos alunos, decidiu pela contratação de uma funcionária-professora, evitando, assim, as constantes trocas de bolsistas. Atualmente há duas monitorias ativas, sendo a de Matemática exercida por uma funcionária concursada vinculada ao Núcleo de Apoio Pedagógico. Sua carga horária é de 44 horas semanais. Já o monitor de Física é aluno-estagiário da Instituição, que tem carga horária de 20 horas semanais. As atividades realizadas pelos monitores são

distribuídas entre sanar dúvidas dos alunos, receber orientações e estudar com professores responsáveis pelas disciplinas, discutir alternativas com o NAP e compilar estatísticas de aproveitamento ao final do semestre.

Na Univates, os monitores têm apoio técnico pedagógico do NAP e dos professores responsáveis pelas disciplinas, que os orientam quanto às dúvidas relacionadas aos conteúdos. A reserva de horário para monitoria é realizada por meio do agendamento prévio no Setor de Atendimento ao Aluno da Instituição, podendo ser reservadas até duas horas diárias consecutivas por aluno. Também é possível constituir pequenos grupos de no máximo quatro alunos. A divulgação deste serviço no início de cada semestre é realizada pelos professores, pelos monitores e por meio do Setor de *Marketing* e Comunicação no *site* da Instituição. Os critérios para o agendamento foram elaborados para que o atendimento se tornasse mais individualizado, ou seja, para ser mais fácil investigar os conhecimentos prévios e dificuldades de cada aluno, bem como planejar a inserção de materiais didáticos específicos para esclarecer suas dúvidas.

Durante as aulas de reforço, as dificuldades dos alunos são analisadas mais precisamente, pois os atendimentos são focados em uma melhor aprendizagem dos estudantes. Conforme Chick e Baker (2005) *apud* Ferreira e Brumatti (2009, p. 51), “compreender os erros cometidos e identificar pontos de tensão na aprendizagem são estratégias importantes da educação matemática a fim de se criar mecanismos de auxílio na superação de dificuldades evidenciadas”.

3. Apoio para o uso de TICs

O Programa de Formação Continuada de Professores do Centro Universitário UNIVATES contempla também questões referentes ao uso de diferentes recursos das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) no processo educativo, propondo ações nas modalidades anteriormente apresentadas: palestras, oficinas e fóruns.

As oficinas são pensadas com dois focos. O primeiro está relacionado ao “como fazer”, à instrumentação técnica para o ambiente virtual de aprendizagem, o planejamento e organização de materiais didáticos digitais e exploração de *softwares* e objetos de aprendizagem. Nestes momentos são pontuadas questões como o funcionamento geral do ambiente, recursos de comunicação, geração de questionários, diferentes tipos de atividades, ferramentas que possibilitam a construção colaboradora, geração de *slides*, entre outras.

Contudo, sabe-se que a instrumentação técnica não é suficiente. Palloff e Prat (2002) apontam diferentes aprendizagens necessárias ao docente tendo em vista o desenvolvimento/planejamento de situações de aprendizagem mediadas por tecnologias que potencializem o processo de construção de conhecimentos. Dentre estas aprendizagens são destacadas pelos autores: gestão do tempo, gestão do

próprio ambiente e dos materiais nele disponibilizados, comunicar-se por escrito, perceber o outro por meio de seus escritos e seus “silêncios”. Neste sentido, outras oficinas constituem-se em espaços que possibilitam a socialização de experiências acerca da forma de organização de cada ambiente, tendo em vista os objetivos pedagógicos.

Outra ação desenvolvida compreende o fórum virtual de aprendizagem. Este constitui-se numa das modalidades em que a atividade do fórum é oferecida. Por meio dela, busca-se ampliar a possibilidade de participação de docentes que, por questões relacionadas à distância, ao tempo e à compatibilidade de horários não conseguem fazer-se presentes nas atividades presenciais de formação. É, também, uma oportunidade de refletir e compreender um pouco melhor a forma como se estabelece a docência em situações de aprendizagem mediadas pela tecnologia, na medida em o professor que vivencia o “ser aluno” e o “ser docente” na modalidade a distância.

O apoio ao docente também ocorre mediante atendimento individual agendado no Núcleo de Educação a Distância (Nead). Geralmente, os professores procuram espontaneamente o setor para buscar orientação na medida em que sentem necessidade de suporte tecnológico, operacionalizar alguma proposta de atividade diferenciada ou quando se deparam com dificuldades pontuais em relação ao uso do ambiente de aprendizagem. Em alguns momentos, contudo, quando os alunos solicitam auxílio ao Nead, por encontrarem dificuldades em relação ao uso do ambiente virtual de alguma disciplina, o setor toma a iniciativa de contatar o professor, buscando orientá-lo.

Cabe destacar, também, que o apoio ao professor ocorre mediante a capacitação dos alunos para usarem de forma mais significativa os diferentes recursos que tem à sua disposição. Por isto, o programa de apoio pedagógico também contempla oficinas para os alunos. Estas são agendadas pelos professores de cada turma e organizadas a partir dos recursos tecnológicos que serão utilizados neste contexto. Ocorrem durante o período de aula da disciplina, sendo que a orientação técnica e a pedagógica são apresentadas concomitantemente. O quadro mostra os atendimentos realizados:

ANO	Quantidade de turmas	Quantidade de alunos
2006	48	1587
2007	21	728
2008	17	687
2009	14	417
2010	47	1612
2011	26	836
Total	173	5867

Quadro 5: Capacitação de alunos para uso de ambiente virtual. Fonte: Relatório Anual do NEAD/NAP

Considerações finais

O relato de experiência que apresentou o Programa de Formação Continuada de Professores para o Ensino Superior no Centro Universitário UNIVATES, situado na cidade de Lajeado, no estado do Rio

Grande do Sul, Brasil, desenvolvido pelo Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP) ilustrou as três formas de atendimentos desenvolvidos na Instituição.

Cabe ressaltar que a Legislação Brasileira por não exigir uma formação didática-pedagógica para atuar na docência do Ensino Superior instiga a Instituição a assumir esse compromisso, que se constitui numa tarefa árdua, complexa e com resultados que podem ser vislumbrados a longo prazo.

Nessa experiência é possível perceber como resultados parciais a participação efetiva de, aproximadamente, 4.000 docentes e 5.000 discentes, além dos apoios para o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

A opção da instituição pela organização de um conjunto de ações ao longo do período letivo leva em consideração que a qualificação pedagógica incide sobre uma cultura de aprendizagem instituída na IES. Neste sentido, cabe ressaltar que mudança cultural, conforme Bersch (2009, p. 43) “resulta de um processo sistemático de ações que, além de momentos de formação, ofereça suporte e orientação (técnico-pedagógica) nos momentos de maior dificuldade, privilegie o compartilhamento das iniciativas bem sucedidas, permita a reflexão-avaliação da prática, em um clima de aprendizado cooperativo e continuado.”

Da mesma forma, esta mudança cultural precisa ser compreendida na perspectiva de que a competência pedagógica docente se constrói em um processo de formação continuada em que docente e discente estejam diretamente envolvidos nas reflexões acerca do ensino e da aprendizagem como sujeitos na construção do conhecimento.

Referências bibliográficas

- Bersch, Maria Elisabete (2009). *Avaliação da aprendizagem em educação a distância on-line*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1862
- Brasil (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996.
- Carvalho, Rosita Elder (2008). *Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico*. Porto Alegre: Mediação.
- Escott, C. M; Müller, M. B. C & Wolffenbüttel, P (2003). *Inclusão na Universidade*. In Centro Universitário FEEVALE. Programa de Pedagogia Universitária. Novo Hamburgo: FEEVALE.
- Massetto, Marcos Tarciso (2003). *Competência Pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus.

Palloff, Rena & Pratt, Keith (2002). *Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula on-line*. Porto Alegre: Artmed.

Pimenta, Selma Lopes Garrido & Anastasiou, Lea das Graças Camargos (2002). *Docência no Ensino Superior*. São Paulo: Cortez, vol. 1 (Coleção Docência em Formação).

Resolução 090/REITORIA/UNIVATES, de 29/07/2009.

Rosa, Daiani Clesnei da (2009). Formação docente e a educação ambiental: desafios atuais. *Caderno Pedagógico*, Lajeado, v. 6, n. 1, p. 39-51.

Thoma, Adriana da Silva. & Lopes, Maura Corcini. (org.) (2004). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

6.114.

Título:

Formação para a Docência no Ensino Superior: a proposta da Universidade Federal de Goiás

Autor/a (es/as):

Rosa, Dalva Eterna Gonçalves [Universidade Federal de Goiás/Brasil]

Chaves, Sandramara Matias [Universidade Federal do Goiás/Brasil]

Sousa, Luciana Freire Ernesto C. P. [Universidade Federal do Goiás/Brasil]

Resumo:

O mundo globalizado tem priorizado a internacionalização baseada na sociedade da informação, em padrões de excelência e na presença do Estado Avaliativo. O pressuposto ideológico básico é a lógica do mercado, que ameaça aniquilar a universidade transformando-a de instituição social em organização (CHAUÍ 2003). Como instituição social, a universidade estava fundada no reconhecimento público e estruturada por parâmetros e valores de legitimidade internos a ela. Sua legitimidade estava alicerçada na ideia de autonomia do saber, construído a partir de uma lógica que lhe era imanente. Conceber a universidade como organização significa reconhecer que sua prática é regida pela instrumentalidade, para atingir a eficácia, para atingir a determinados objetivos, estruturada com base na ideia de previsão, controle e êxito. No limite, um centro de reprodução acrítica da ciência e da tecnologia. Em relação à docência isto vai implicar no abandono do que Chauí reconhece como o núcleo fundamental do trabalho universitário: a formação. Esse desafio e a recorrência do tema nas últimas décadas nos leva a pensar com Tardif e Lessard (2005), que o magistério constitui um setor nevrálgico nas